



Linhas Críticas

ISSN: 1516-4896

rvlinhas@unb.br

Universidade de Brasília

Brasil

Ribeiro Garcia de Paiva Lopes, Ana Helena; Soares Zuin, Antônio Álvaro
Educação@tecnologias digitais: uma investigação do caso “diário de classe” do facebook
Linhas Críticas, vol. 19, núm. 40, septiembre-diciembre, 2013, pp. 631-647
Universidade de Brasília
Brasilia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193529988009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação e tecnologias digitais: uma investigação do caso “diário de classe” do *facebook*

Ana Helena Ribeiro Garcia de Paiva Lopes
Antônio Álvaro Soares Zuin
Universidade Federal de São Carlos

Resumo

O artigo busca investigar a página na rede social *Facebook* intitulada “Diário de Classe”, criada em 2012 por uma estudante brasileira com o intuito de denunciar problemas estruturais e pedagógicos de sua escola. Procura-se entender a potencialidade da internet como campo de expressão, sem negar a tênue linha que separa o elemento positivo das manifestações virtuais de um perigoso processo exibicionista e de formação de opiniões fixas. Trata-se de assinalar a importância da criticidade no uso das tecnologias digitais e quão tais aparatos telemáticos estão envolvidos na discussão contemporânea sobre a formação do indivíduo.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Tecnologia Digital. *Facebook*. Diálogo.

Education@digital technologies: an investigation of the “Diário de Classe” case on Facebook

This paper investigates the webpage in the Facebook social network entitled “Diário de Classe” (Class Diary), created in 2012 by a Brazilian student, in order to denounce structural and educational problems in her school. It seeks to understand the potential of the Internet as a field of expression, without denying the thin line that separates the positive element of virtual expressions from a dangerous exhibitionist process of forming fixed opinions. It is a matter of underlining the importance of criticality while making use of digital technologies, and the extent to which such telematic devices are involved in current discussions about the formation of the individual

Keywords: Education. Technology. Digital Technology. Facebook. Dialogue.

Educación@tecnologías digitales: una investigación del caso “diario de clase” del facebook

El trabajo investiga la página en la red social Facebook titulada “Diario de clase”, creada en 2012 por una estudiante brasileña para denunciar los problemas estructurales y la enseñanza de su escuela. Se trata de comprender el potencial de Internet como un campo de expresión, sin negar la delgada línea que separa el elemento positivo de las manifestaciones virtuales de un proceso exhibicionista y peligrosa de la formación de opiniones fijas. Se señala la importância fundamental de la utilización de las tecnologías digitales y como están involucrados estos dispositivos telemáticos en las discusiones actuales sobre la formación de la persona.

Palabras-clave: Educación. Tecnología. Tecnología Digital. Facebook. Diálogo.

Para início de conversa, o que são as tecnologias digitais?

Em tempos da chamada cultura digital, a tecnologia não pode mais ser exclusivamente identificada como um conjunto de técnicas, mas sim como um processo social, cuja universalização se faz presente tanto nas relações desenvolvidas nos ambientes de trabalho, quanto nas que se estabelecem no denominado tempo livre.

O que ocorre, como salienta Kenski (2011, p. 24), é que “as tecnologias estão tão próximas e presentes que nem percebemos mais que não são coisas naturais”. Acaba-se por *fetichizar*, inclusive, elementos que foram construídos pela história humana. No entanto, além do equívoco em naturalizar as construções históricas da humanidade como se sempre tivessem existido e como se não fossem obras do trabalho humano, tem-se, ainda, outro obstáculo quando se fala em tecnologias, a saber: associar o termo apenas aos aparatos digitais que se desenvolvem com força na atualidade. Dito de outro modo, acaba-se por não entender como tecnologia uma lousa (ou quadro negro), mas apenas a lousa digital que adentra gradualmente o ambiente escolar, por exemplo. Ora, tecnologia diz respeito, de acordo com Kenski (2011, p. 23), à “totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações”.

Romper com tal obstáculo conceitual significa dar um consciente e imprescindível passo a caminho da imersão em um mundo movido por tecnologias, sejam elas digitais ou não. Nesse contexto, surge algo fundamental: “tecnologia é poder” (Kenski, 2011, p. 15) e, mais do que isso, a tecnologia, em sendo poder, não é neutra, mas, pelo contrário, “obedece a jogos de poderes e a leis de mercado próprias da sociedade na qual está inserida”, como salienta Lion (1997, p. 31). Deste modo, “a potência da tecnologia pode ser vetorizada para a construção, a destruição ou a percepção do mundo” (Santos, 1996, p. 157). Já no século XVII, Bacon (1561-1626), em seu *Novum Organum*, havia constatado que deter conhecimento implicava dominar e controlar não só os rumos das relações humanas, como também a produção e reprodução de mercadorias. (Bacon, 1973)

No contexto atual, compreendida a necessidade de que as tecnologias sejam entendidas em sua completude, é preciso considerá-las como produções da história das relações humanas, inclusive no que diz respeito ao modo como são utilizadas na esfera educacional. É neste enredo que se situa o objetivo deste artigo: investigar, por meio de conceitos de autores da denominada Teoria Crítica da Sociedade, as atuais relações de poder entre professores e alunos mediadas pelas tecnologias digitais, sobretudo no que concerne ao uso que os agentes educacionais fazem das redes sociais. Seguindo esta linha de raciocínio, pretende-se refletir sobre tais relações de poder, expressas pelas novas tecnologias, por meio do estudo da página “Diário de Classe” da rede social *Facebook*, página esta criada por uma estudante catarinense com o escopo de reivindicar melhores qualidades estruturais e pedagógicas em sua escola.

Educação e tecnologias digitais: diálogo possível?

Segundo pesquisa do Fórum Gerações Interativas, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP) e Fundação Telefônica, divulgada em setembro de 2012 (Pesquisa, 2012), 75% dos jovens brasileiros entre 10 e 18 anos de idade utilizam a internet. Quanto ao celular, 74,7% dos adolescentes brasileiros possuem seu próprio aparelho. Além disso, muitos deles revelam realizar diferentes atividades ao mesmo tempo em que assistem a programas televisivos: 71% deles fazem refeições, 37% conversam com familiares, 34% estudam, 25% conversam ao telefone e, ainda, 18,2% navegam na *web*. “Já o celular jamais é desligado por 34,5% dos representantes da geração interativa. Um total de 56,8% dos entrevistados declarou que sequer desligam os aparelhos nas salas de aula” (Pesquisa, 2012). Para um país de dimensões gigantescas, marcado por extrema desigualdade social como o Brasil, tais números impressionam. Muitos de nossos jovens já estão mergulhados no mundo digital, conectando-se a pessoas e lugares diferentes, globalizando suas relações, ainda que virtuais.

Imersos ou não neste novo mundo, não se pode negar sua existência, isto é, não se faz mais possível (e nem sequer desejável) que as transformações microeletrônicas que vêm ocorrendo com força ímpar nos últimos anos sejam veladas. A impossibilidade de que isso ocorra deve-se às duas principais características da cultura digital, a saber: intermedialidade, ou seja, a convergência de várias mídias num só aparelho, e a portabilidade, uma vez que um aparelho de celular, que pode ser carregado no bolso da calça, converge funções relativas à televisão, ao computador e até à telefonia (Fantin & Rivoltella, 2012). Ora, em 2004, há menos de dez anos, tal revolucionário e esperado aparelho estava apenas na imaginação. Hoje, existem não apenas os *tablets*, que reúnem tais funções, como também toda sorte de celulares, os *smartphones*, que também perpassam tal lógica de multifuncionalidade. Se em tão pouco tempo mudanças tão decisivas ocorreram, o que se pode esperar para os próximos anos? Vive-se, decerto, em um mundo ambivalente, que vai se diferenciando de épocas passadas pelas distâncias encurtadas de um lado e pelas multidões solitárias altamente conectadas de outro, tal como foi observado por Oliveira e Zuin:

Ver e entender o abismo que separa as pessoas em um mundo em que as relações sociais são cada vez mais reificadas, e os reflexos desse processo na educação, é fundamental em um momento em que estamos extremamente conectados, mas talvez mais solitários – sob certos aspectos – do que jamais estivemos. (Oliveira; Zuin, 2011, p. 580)

É certo que negar a relevância tão pungente das tecnologias digitais não é o caminho mais correto a seguir. Mesmo entre crianças que não possuem acesso a tal artefato eletrônico, a necessidade de contato é evidente, afinal são crianças de uma nova geração conectada. E a escola, nesse contexto, parece ser um lugar fértil

para tal contato. Ora, se a instituição escolar tem como uma de suas finalidades o ensino e a aprendizagem de saberes historicamente acumulados, faz-se ímpar que as tecnologias digitais e o modo como globalizaram o mundo sejam alvo de discussão, tal como problematiza Lyotard:

O que o “aqui” indica quando usamos o telefone, a televisão, o receptor do telescópio eletrônico? E o “agora”? Será que o componente “tele-” não irá, necessariamente, misturar a presença, o “aqui-agora” das formas e de sua recepção “carnal”? O que é um lugar, um momento, que não se encontrem ancorados no “padecimento” imediato daquilo que ocorre? Será que um computador está, de alguma forma, aqui e agora? Pode ocorrer algo através dele? Pode ocorrer algo com *ele*? (Lyotard, 1996, p. 266)

O ambiente escolar entra, nesse enredo, como *lócus* de formação do cidadão do futuro, do cidadão de uma geração que já não é mais como as anteriores, desde o aspecto comportamental até em relação ao uso dos instrumentos de trabalho. Basta pensar na importância de uma educação que prime também pelo acesso a meios telemáticos quando se compreende o diferencial que se dá, hoje em dia, a alguém que, em busca de emprego, mostre em seu currículo um curso de informática, por exemplo. O contato e o manejo de tecnologias digitais se tornou um diferencial decisivo na contratação de novos funcionários de diversas empresas. Assim, teria a escola, sob esse viés, a obrigação de evitar a formação dos “excluídos digitais”, algo como um novo abismo que separaria os letrados digitais dos analfabetos digitais. Em suma, como aponta Kenski (2011, p. 116), “é ainda a escola – em todos os seus níveis e formas – o espaço privilegiado e propício para desencadear a ação e a fluência digital”.

Porém, emerge daí um perigo latente: como podem os indivíduos utilizar o aparato telemático sem que sejam manipulados pelo que Adorno (2011b) chama de “véu tecnológico”? Retomando, à guisa de ilustração, a vida cotidiana de crianças da geração interativa, é possível dizer que são horas e horas conectadas à internet, navegando por redes sociais e por sites de jogos, entre outros. Quando não estão conectadas por meio do computador, certamente estão de alguma forma plugadas graças aos celulares ou *tablets*. De acordo com pesquisa nacional realizada pela SaferNet (2008), 77% dos jovens brasileiros não possuem limites ou restrições quanto ao tempo de permanência na internet.

Ocorre, nesse contexto, que o acesso às denominadas tecnologias digitais fornece a sensação de que se tem controle total sobre a produção e disseminação das informações. Porém, em dezembro de 2009, o Google passou a usar 57 “sinalizadores”, os quais permitem que se descubra “[...] todo tipo de coisa, como o lugar de onde o usuário estava conectado, que navegador estava usando e os termos que já havia pesquisado” (Pariser, 2012, p.7). As informações obtidas são vendidas pelo Google às agências de quaisquer produtos, de tal modo que são montados perfis “personalizados” dos usuários de tais redes sociais. Desse modo, tal controle

se revela ilusório, pois, em muitas ocasiões, as escolhas já são determinadas de antemão. A produção e o consumo contínuos de tais informações são necessidades histórica e culturalmente engendradas.

A velocidade, por meio da qual tais informações são substituídas, também pode ser observada no modo como as próprias mercadorias também devem se tornar descartáveis. No caso do computador, impressiona a forma como se tornam obsoletos num espaço de tempo cada vez menor. Contudo, na chamada sociedade da revolução microeletrônica, o pavor da invisibilidade e da possível substituição é como que compensado pela aspiração, cada vez mais frequente, de se tornar midiática e eletronicamente visível. É nesta sociedade que se desenvolve uma nova ontologia social: a de que ser significa ser midiática e eletronicamente percebido. De acordo com Christoph Türcke,

E da mesma forma como a força integradora do mercado nunca foi somente econômica, nunca decidindo apenas a respeito do trabalho ou desemprego, mas sempre também sobre aceitação ou rejeição, em certo sentido, então, sobre o ser ou não ser, assim também essa pressão ontológica sob condições de uma compulsão generalizada para a emissão adquiriu uma forma estética. Dito inversamente: a estética ganhou um peso ontológico como nunca tivera. Isso também faz parte do *esse est percipi* (ser é ser percebido – grifo dos autores). Essa frase expressa não apenas a ontologia paradoxal da era microeletrônica, que uma existência sem presença eletrônica é um aqui e agora sem um “aí”, um não ser em um corpo vivo; também aponta para o que isso significa para a fisiologia da percepção. (Türcke, 2010, p.65)

Se “na Idade da televisão, a visibilidade no estreito sentido de visão [...] é elevada a um novo nível de significado histórico”, como salienta Thompson (2005), na Idade Mídia (Mill, 2010) – expressão que remete exatamente “a essa era de convergência midiática, configurada sob uma nova forma de manipulação capitalista, mais perversa, apesar de menos agressiva aos indivíduos” (Mill, 2010, p. 46) –, a facilidade de emissão e a compulsão à propaganda de si mesmo fazem com que algo histórico se torne social e cultural.

Faz-se necessário, nesse momento, recorrer a conceitos centrais de autores como o neofrankfurtiano Türcke (2010) e Sibilia (2008) para que se possa compreender tal compulsão a emitir eletronicamente a própria imagem. Para Christoph Türcke (2010) – teórico crítico contemporâneo –, a sociedade atual carrega consigo o peso do estar “aí”, ou seja, aquele que não emite não é. Daí o estranhamento diante de pessoas que não possuam *e-mail*, por exemplo. De acordo com o autor, “quando a linguagem dos jovens se refere a alguém dormindo até tarde e ainda sonhando como ‘ainda não conectado’, ela expressa bem mais do que se imagina, a saber, a lei básica de uma nova ontologia: quem não transmite não está ‘aí’. Não irradia nada” (Türcke, 2010, p. 45). Sibilia dialoga com Türcke ao destacar que “cada vez mais é preciso aparecer para ser. [...]. E, de acordo com as premissas básicas da

sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista”. (Sibilia, 2008, p. 111-112)

É nesse contexto que se desenvolve a seguinte contradição em relação à tecnologia, com destaque para aquilo que Adorno (2011b) chama de *véu tecnológico*:

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes consequências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional e patológico. Isto se vincula ao “véu tecnológico”. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (Adorno, 2011b, p. 132-133)

Diante de tal cenário, convém destacar algo essencial: o rompimento imprescindível quanto ao raciocínio binário de que a tecnologia salva ou a tecnologia sufoca. Ora, o aparelho celular – para exemplificar – por si só não afoga o garoto que o utiliza nem o leva de volta a terra firme. O resultado de seu mergulho dependerá, certamente, do uso que se faz do aparelho. Se perdido, com a ajuda dele pode o menino ligar para os pais ou acessar um mapa e localizar-se. Por outro lado, pode também submergir ao utilizar o aparelho para se esquivar da vida social, dando eco apenas a relações virtuais, pois, como comenta Adorno, “é possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada” (Adorno, 2011b, p. 122). Assim, como produção humana que é, a tecnologia digital pode ser utilizada tanto de maneira instrumental quanto emancipatória. No que concerne às atuais relações estabelecidas entre alunos e professores, ambas as possibilidades muitas vezes se confluem, tal como será investigado no caso a seguir.

O caso “Diário de Classe”: o espaço de expressão digital e seus desafios

Quando se pretende compreender os usos que se pode fazer das tecnologias digitais, pode-se pensar inicialmente na utilização de lousas digitais nas escolas, na exibição de filmes nas aulas ou até mesmo no uso de *slides* para que se projete algo enquanto se explica determinado conteúdo pedagógico. No entanto, há também outra dimensão no que diz respeito às tecnologias digitais como instrumentos

pedagógicos, que nem sempre é levada em consideração: as redes sociais.

Um exemplo atual e fortemente significativo é a página do *Facebook* intitulada “Diário de Classe”¹, criada em julho de 2012 por Isadora Faber, uma garota de 13 anos, estudante de um colégio público de Florianópolis. Vale dizer que a brasileira, que agora motiva dezenas de outros estudantes, teve sua inspiração em uma aluna escocesa de 9 anos de idade, Martha Payne, que, por meio de um *blog*, trouxe à tona problemas de sua escola, sobretudo com relação à péssima qualidade da merenda.

No caso de Isadora, o espaço virtual se transformou em campo de expressão de suas reivindicações, com a seguinte mensagem de apresentação na página da internet: “Eu Isadora Faber que tenho 13 anos, estou fazendo essa página sozinha, para mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero melhor não só pra mim, mas pra todos”. (Faber, 2012)

São mais de 500 mil cliques na opção “curtir”, o que faz com que a garota fale a um contingente gigantesco de pessoas. Com o intento de denunciar os problemas estruturais e pedagógicos de sua escola, a menina viu fora da sala de aula o espaço para debater e dialogar. Foi no *Facebook*, rede social criada no ano de 2004 por Mark Zuckerberg, em parceria com Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz, que a jovem encontrou eco para suas indagações.

FIGURA 1: PERFIL DA PÁGINA “DIÁRIO DE CLASSE”, DA ESTUDANTE ISADORA FABER, NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*.



Fonte: “Diário de Classe” (<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC>). Último acesso em 17/01/2013.

1. As citações de “Diário de Classe” foram retiradas da página citada e na data respectivamente colocada ao final da frase. As falas não sofreram alterações, tendo sido apenas transcritas da página. Último acesso em 17 jan. 2013.

Para o escopo do presente artigo, definiu-se o período de três meses – outubro, novembro e dezembro do ano de 2012 – para a investigação da página “Diário de Classe”. Tal escolha deveu-se aos acontecimentos que ocorreram neste período e que serão analisados neste artigo.

Como já foi posto, Isadora iniciou sua página em julho de 2012. Bastou preencher alguns dados na rede social *Facebook* e a garota de 13 anos já tinha em mãos uma ferramenta digital de expressão, a qual poderia ser usada com infinitas pretensões. Ela iniciou – talvez sem imaginar o tamanho e as reverberações de sua atitude – trazendo para a rede social aspectos estruturais de sua escola que a incomodavam. Eis alguns dos comentários que foram postados, inclusive com a manutenção dos erros gramaticais: “essa é a porta do ‘banheiro feminino’ da nossa escola que fica no santinho. Nem fechadura tem!!!” (11/07/12); “esse é o ventilador da nossa sala, meus colegas encostam os fios e ele funciona, será que tem perigo?????” (11/07/12); “alguns bancos do refeitório, quebrados claro!” (11/07/12) e “esse é um dos lixos da nossa escola que usam como balde para as goteiras.

Será que os cenários mostram realmente a verdade??” (30/07/12). Sempre utilizando-se de uma foto do banheiro ou do balde usado para conter as goteiras, Isadora ilustrava seus comentários, fazendo com que, em pouco tempo, sua iniciativa se tornasse algo viral na rede social, isto é, ganhasse grande repercussão.

Contudo, foi após tecer um comentário sobre a atuação da professora de matemática, entre outras postagens, que Isadora conseguiu maior repercussão midiática:

Hoje de novo tivemos aula de matemática que é a aula mais bagunçada de todas, foi muito ruim estávamos lá gritando até perguntando quando o outro professor substitui você? E eu Isadora Faber me levante da carteira na hora e perguntei porque? Ela braba responde - porque esse daí não ensina nada - ele tenta mais não consegue, por esse motivo mesmo de começar a gritar e falar coisas na hora da aula. Poxa consideração com a pessoa que esta ali na frente, mais também se ele não consegue manter a turma em silencio o que eu posso fazer? Alguém tem que conseguir mais quem? se ninguém vai ate lá. (31/07/12)

As críticas aos professores causaram consequências judiciais para a garota. Processos, demissões e idas a delegacias passaram, então, a ser algo cotidiano na vida de Isadora Faber. Amparada pelos pais, a jovem estudante deu continuidade ao seu “Diário de Classe”, apesar das inúmeras reverberações negativas para sua vida pessoal. Agressões verbais de colegas e professores ganharam espaço e agressões a respeito do caráter dos membros de sua família também começaram a surgir. No início de novembro de 2012, a avó de Isadora, uma senhora acometida por severa doença degenerativa, acabou sendo atingida por pedras que tinham como alvo a casa em que a menina mora em Florianópolis, Santa Catarina.

Em contraponto aos obstáculos, ao obter espaço na mídia em geral, sobretudo na internet, Isadora começou a ganhar voz e a ser ouvida por mais e mais pessoas.

A escola se tornou, em época estratégica de eleições municipais, alvo de inúmeras críticas ao poder público, mostrando em cores sombrias as mazelas da educação brasileira, e a instituição passou a receber, então, atenção diferenciada e muitos de seus problemas estruturais foram solucionados rapidamente.

O uso da internet, e mais especificamente das redes sociais, feito por Isadora merece destaque, denunciando em primeiro plano a ausência de possibilidades de diálogo aberto e sincero não apenas dentro de sala de aula, mas na escola como um todo. Além disso, trata-se de uma utilização potencial da tecnologia digital a favor da melhora do processo de ensino e aprendizagem. Se nas redes sociais, tão fortemente usadas para espetacularização do próprio usuário, é possível observar uma tentativa discente de dialogicidade, tal aspecto merece ser alvo de reflexão do ponto de vista pedagógico. Kenski alerta para esse uso potencial de *blogs* e afins:

O blog é uma espécie de diário, na forma de página web, que deve ser atualizada frequentemente. Seu conteúdo abriga uma infinidade de assuntos [...]. Fáceis de serem criados, os blogs podem servir como espaços construídos por todos os participantes de uma disciplina. Também é possível que cada aluno tenha seu blog no site da escola, ou seja, seu diário escolar pessoal. Nele, os estudantes podem colocar resumos, anotações, exercícios e tudo o que for de seu interesse. Em interação com outros alunos e demais pessoas que visitem as páginas, podem receber informações e oferecer colaboração para a realização das atividades escolares. (Kenski, 2011, p. 122)

Evidentemente, Isadora desejou utilizar o potencial da rede social para que fossem realizadas melhorias na estrutura física de sua escola e na formação do corpo docente. Se algumas vezes, a estudante alerta para o descompromisso da escola para com os alunos – “hoje a professora de ciências não foi, e nem a auxiliar eu acho, quero dizer que ficamos sozinhos durante uma aula inteira” (05/12/12) –, em outras, trata de elogiar a preocupação docente com os alunos, mesmo quando faltam: “hoje o professor de história faltou mas deixou uma atividade para a auxiliar passar. Gostei, pelo menos assim aproveitamos melhor a aula da auxiliar, todos os professores que faltam deveria deixar atividades” (28/11/12).

Vê-se claramente a tentativa da aluna de dizer algo que não conseguia em sala de aula. O elogio ao docente que deixa uma atividade para o grupo mostra a vontade de que os outros professores sigam o exemplo, enquanto o repúdio àquela professora que simplesmente falta e nada deixa para os alunos frustra a estudante, fazendo com que algo que não consegue ser debatido em sala de aula ou entre os quatro muros da escola venha à tona na rede social.

Contudo, surge um problema: a escola em que Isadora estuda passa a ser, então, de conhecimento de todos os seguidores de sua página. Assim, é facilmente possível descobrir quem é o professor de ciências ou a docente de português, por exemplo. Obviamente, a exposição midiática de tais professores faz com que os rótulos que lhes foram atribuídos sejam incorporados *ad eternum*, pois serão acessados por

qualquer pessoa e em quaisquer tempo e lugar. Diante de tal possibilidade, torna-se imperiosa a necessidade de que as tecnologias digitais sejam criticamente problematizadas. Tomando-se como exemplo o caso da página “Diário de Classe”, pode-se assinalar que sua criação teve como intento compartilhar, com um número grande de pessoas, problemas educacionais de várias instâncias. O ciberespaço se tornou, então, rico campo de debate, discussão, reflexão, dúvidas, questionamentos etc. Contudo, há de se ter a cautela necessária para que a publicação na página não se torne uma expressão narcísica espetacularmente exibida, visto que:

O uso dos suportes digitais não subleva, em si, a capacidade narrativa e de expressão, sem que, paralelamente, haja formação do sujeito, que depende de outros fatores para se autodeterminar, como a capacidade de, no processo educativo, superar a adaptação ao mundo existente e potencializar sua diferenciação. (Costa, 2010, p. 101)

Corre-se o risco – já que é pungente a imersão dos indivíduos em uma cultura que faz com que o “eu” propagandeie a si próprio para ter alguma chance de existência – de perder de vista a real e primeira intenção das publicações, postagens e, enfim, do contato com o aparato telemático, mergulhando-se no perigoso mar do deslumbramento e do vício (Belloni, 2009), da compulsão à emissão e à ocupação (Türcke, 2010) e do *show* do eu. (Sibilia, 2008)

Nota-se que as publicações na página são praticamente diárias, quase sempre acompanhadas de fotos. Se, no início, as imagens focavam apenas os fios elétricos desencapados ou a quadra sem pintura, com o passar do tempo, as fotos passaram a também envolver a imagem de Isadora, que estava sendo divulgada em diversos meios de comunicação. Vídeos em comemoração aos 500 mil “curtir” conseguidos no início de dezembro ou em celebração ao Natal passaram a ser frequentes na página do *Facebook*. Como destaca Adorno (2011a, p. 43), “desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade”.

Há, ainda, outro impasse nítido, a saber, o de que a página “Diário de Classe” se transforme em espaço de formação de opiniões tidas, sempre, como verdadeiras. Corre-se o perigoso risco de que aquilo que a garota Isadora escreve, expressando seu ponto de vista sobre alguma questão do campo educacional que lhe chamou a atenção, se transforme quase que imediatamente em verdade absoluta, aprovada de imediato por aqueles que a seguem na rede social. Nesse contexto, como contraponto aos argumentos de Isadora, sublinha-se a ambiguidade que cerca as tecnologias digitais presente no seguinte trecho de uma carta escrita por funcionários da escola em que estuda Isadora Faber, em resposta à repercussão da página “Diário de Classe” no *Facebook*, desabafo este publicado na página da escola no *Facebook* e, posteriormente, no site do jornal Diário Catarinense:

As pessoas leem as notícias como verdades, e não procuram conhecer a realidade ou ouvir outras versões dos fatos, criando assim uma legião de defensores da menina e, ao mesmo tempo, “inquisidores” da escola. As ferramentas sociais hoje permitem que qualquer um se manifeste e o que poderia ser positivo acaba se tornando instrumento de acusações e injúrias, onde o acusado é culpado antes do exercício da defesa. (Professores, 2012, s/p)

Dito de outro modo, é preciso que as imagens e comentários postados eletronicamente sejam identificados não como espetáculos visuais absolutos, mas sim como imagens e comentários que são produtos de relações humanas historicamente estabelecidas. Debord já havia alertado para o risco de o espetáculo imagético se transformar num fetiche visual da seguinte forma: “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. (Debord, 1997, p.14)

De fato, Isadora Faber exerce papel importante em suas denúncias sobre as precárias condições estruturais de sua escola. Mas ela não parou por aí, pois suas opiniões se tornaram lemas, motes a serem seguidos e defendidos a qualquer preço por muitos de seus seguidores. Isadora se posicionou, respectivamente, contra as cotas para estudantes de escola pública, a favor do ponto eletrônico para professores e funcionários de todas as escolas brasileiras, contra a aprovação automática e a favor da instalação de câmeras em sala de aula, para citar alguns posicionamentos políticos da aluna:

Muitos me perguntam sobre cotas. Eu sabia pouco do assunto mas tive tempo de me informar bem. Vi os diferentes pontos de vista e essa é minha opinião. Eu acho que todos somos iguais, negros, brancos, índios, amarelos, gays... enfim, todos. Não é isso que faz a diferença. Pra mim, a diferença esta na educação, se todos tivessem acesso a mesma educação, não teria diferenças e não precisaria ter cotas. Eu tenho vergonha disso, não quero cotas por que estudo em escola pública, não sou menos que ninguém, sou capaz de aprender e não quero tratamento diferente, quero ter uma educação igual, só isso. Pra mim isso é DISCRIMINAÇÃO ('fazer distinção'). (03/10/12)

Acho que todas as escolas deveriam ter um equipamento desses, evita 'enganos' e facilita muito para o responsável lembrar-se de quem faltou e atrasou. Todos nós temos que respeitar os horários, TODOS. Só quem chega atrasado e falta ao trabalho que vai ser contra o ponto, pois pra quem chega no horário e não falta, não tem problema nenhum, não é verdade? [...]. Estamos na era da TRANSPARÊNCIA, não dá pra voltar atrás. (27/11/12)

Hoje entrei oficialmente de férias. Eu e toda escola pois não tem recuperação. Também, acho que não precisa, já que tem aprovação automática. Assim é bem 'democrático', passa todo mundo, alunos bons, alunos ruins, bagunceiros. Alunos sem condição nenhuma de ir adiante foram aprovados, assim é fácil fazer índices. (20/12/12)

Por que os professores não querem câmeras na sala de aula? [...]. Os alunos que não querem câmeras todos sabemos, são os bagunceiros, que não respeitam professores, que roubam, que colam nas provas, que quebram as coisas, todos sabemos. Agora eu fico pensando, e quais são os professores que não querem câmeras? O que não querem que as pessoas vejam? Do que tem medo? Que querem esconder? [...]. Acho que tinha que ser obrigatório câmeras em todas escolas, públicas e particulares para todos sabermos da verdade e punir os responsáveis, só assim vai começar a melhorar, estamos no século XXI, em que ano está a escola? (26/10/12)

O perigo de que uma opinião midiaticamente espetacularizada se torne verdade absoluta revela-se na possibilidade de que apenas um discurso se torne expressão da suposta verdade, fato este que engendra um terreno fértil para que práticas autoritárias vicejem. Nesse enredo, surge o perigoso risco de que se produza uma espécie de narcisismo coletivo extremamente simpático à identificação com discursos totalitários. Nas palavras de Adorno (2011a),

Os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim continuavam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontraram uma satisfação substitutiva na identificação com o todo. (Adorno, 2011a, p. 39-40)

Obviamente, a iniciativa de Isadora se transforma num acontecimento midiaticamente marcante. Apesar de não ter sido a primeira a ter procedido dessa forma, as reverberações de seu intento foram inimagináveis. Pessoas, não apenas do Brasil, mas do mundo todo, passaram a ler as postagens da garota de 13 anos que não se contenta com a situação crítica pela qual passa a educação brasileira. Nessa perspectiva, fica evidente que o trabalho com as tecnologias digitais deve perpassar dois campos inseparáveis e imprescindíveis: tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas e tecnologias digitais como objeto de estudo. (Belloni, 2009)

Considerações finais

Há que se reconhecer o fato de que as reivindicações de Isadora referentes às melhorias estruturais de sua escola foram atendidas, muito por conta do alcance obtido por suas palavras midiaticamente expostas. Além disso, há também que se considerar que o maquinário eletrônico pode também ser utilizado para fins pedagógicos. O “Diário de Classe” também alerta sobre isso ao propor que, em dias chuvosos, nos quais a quadra de esportes não poderia ser usada para as aulas de Educação Física, jogos eletrônicos que simulam exercícios físicos fossem utilizados como alternativa. “Não estou falando em substituir a educação física, estou falando como alternativa para dias de chuva” (13/12/12), diz Isadora. Sob tal ponto de vista,

um *videogame* pensado originalmente apenas para momentos de diversão e lazer poderia ser utilizado como ferramenta pedagógica em um dia de chuva com a impossibilidade de uso da quadra de esportes. Assim como um filme poderia ser recurso pedagógico, contanto que a discussão sobre seu conteúdo fosse realizada.

Nesse enredo, se o *Facebook* e as demais redes sociais não têm em princípio um aspecto de aglutinadores de conteúdos e facilitadores do processo de ensino-aprendizagem, no que tange a conteúdos propriamente escolares – potencial este que tem, por exemplo, a lousa digital –, há de se ver, nesses meios, espaços de expressão, o que também não deve ser negado; afinal, ensinar e aprender é um processo que não ocorre sem uma relação entre professores e alunos.

Até meados de novembro do ano de 2012, uma menina de 13 anos chamada Isadora Faber desconhecia a canção “*Admirável Gado Novo*”. Foi um curtidor de sua página que lhe apresentou a música de autoria de Zé Ramalho e lhe explicou pormenorizadamente o que se quer dizer com a canção. A garota tirou suas conclusões:

Vou falar a verdade, não conheço as músicas do Zé Ramalho mas essa música parece atual. Tem pessoas que se conformam com pouco mesmo. Eu entendi a mensagem da música, pena que acho que a maioria não consegue entender. Talvez se fosse assim seria mais fácil pra entenderem... eu quero tchu vida de gado...eu quero tchã povo marcado... huehue. Poderiam tocar essa música no Ato Cívico de segunda... (10/11/12)²

Trata-se da reflexão e, talvez, seja isso o que mais falte nas escolas nos dias de hoje. Foi necessário uma tela e um teclado à frente para que, em contato com mais de 500 mil pessoas, uma delas sugerisse a Isadora a leitura crítica da letra de uma canção. Por que as escolas não se abrem para que o diálogo seja feito dentro delas? Faz-se emergente a necessidade de que as imagens não sejam identificadas como algo em si e por si, mas que se estabeleçam cada vez mais relações entre elas, possibilitando, por conseguinte, o nascimento e amadurecimento de raciocínios críticos e problematizadores. Entretanto, lidar com uma apropriação reflexiva acerca dos aparatos telemáticos implica um aprofundado trabalho pedagógico no que tange àquilo que Türccke (2010) chama de “ser é ser percebido”, ou seja, os indivíduos devem compreender que, para que possam ser vistos e ouvidos na sociedade da chamada revolução microeletrônica, é preciso que suas presenças midiáticas não se transformem meramente em fetiches audiovisuais.

No entanto, as iniciativas emancipadoras de uso dos novos meios de comunicação esbarram violenta e perigosamente nos obstáculos da espetacularização do eu; isto é, em meio ao protesto, o indivíduo sucumbe à tentação midiática de se expor narcisicamente, desenfreado o espetáculo em detrimento do exercício da reflexão

2. Isadora faz referência, nesta citação, a um *hit* que se tornou sucesso no Brasil e em diversos outros países em 2012, “Eu quero tchu, eu quero tcha”. Ela compara a complexidade da mensagem da música de Zé Ramalho com a canção tão entoada pelo povo brasileiro à época.

crítica. Portanto, é necessário fazer com que as contradições decorrentes dos usos instrumentalizados e emancipatórios das denominadas novas tecnologias sejam criticamente focadas e não desconsideradas. Uma vez que tais contradições não são problematizadas, instala-se e propaga-se, na sociedade excitada, uma situação que apenas garante os subterfúgios ludibriadores e anestésiantes do conformismo. Pois, como salienta Debord, “o mentiroso mentiu para si mesmo. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo”. (Debord, 1997, p. 13)

É justamente de tal enredo que brotam as chances de que o diálogo entre educação e tecnologias digitais seja profícuo e possível. Poder-se-ia asseverar até mesmo fértil! Em um contexto em que as tecnologias digitais podem ser usadas a favor da formação dos sujeitos como seres humanos críticos, à escola compete indubitavelmente contribuir fornecendo subsídios para tal intento. Contudo, como assinala Sibília (2012, p. 196), “é claro que também será preciso aprender a lidar com a volatilidade inerente ao campo ‘virtual’ caracterizado pela condição evanescente da informação, perante a qual é preciso desenvolver estratégias ativas de apropriação”. Assim, não basta instalar lousas digitais nas salas de aula ou colocar uma música para tocar em frente aos alunos com belas imagens projetadas em uma tela. Também não é o caminho proibir veementemente computadores em sala de aula ou agir despoticamente diante do uso da tecnologia digital como campo de expressão. É preciso ir além, de modo que novas relações dialógicas sejam desenvolvidas entre os agentes educacionais, cujas relações estão cada vez mais mediadas pelos aparatos tecnológicos.

Referências

ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

BACON, Francis. *Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

COSTA, Belarmino César Guimarães da. *Comunicação e educação na era digital: reflexões sobre estética e virtualização*. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 7, n. 19, p. 87-103, jul. 2010.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

FABER, Isadora. *Diário de Classe*. Florianópolis, SC: 2012. Disponível em < <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC> >. Acesso em: 17 jan. 2013.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: _____. (Orgs.) *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LION, Carina Gabriela. Mitos e realidades da tecnologia educacional. In: LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LYOTARD, Jean-François. Algo assim como: comunicação... sem comunicação. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz et alii. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MILL, Daniel. Das inovações tecnológicas às inovações pedagógicas: considerações sobre o uso de tecnologias na educação a distância. In: MILL, D.; PIMENTEL, N. *Educação a Distância: desafios contemporâneos*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

OLIVEIRA, Alessandro Eleutério de. ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Alunos e professores no Orkut: a educação escolar na arena ciberespacial*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 561-582, set.-dez. 2011.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a Internet está escondendo de você*. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2012.

PESQUISA revela hábitos de uso de TV, computador e celular por jovens. São Paulo: 2012. Disponível em: < <http://www.ared.inf.br/noticias/4526-pesquisa-geracoes-interativas> >. Acesso em: 08 out. 2013.

PROFESSORES da Escola Maria Tomázia Coelho resolvem dar a sua versão ao DC. Florianópolis, SC: 2012. Disponível em: < <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/diario-da-redacao/noticia/2012/11/professores-da-escola-maria-tomazia-coelho-resolvem-dar-a-sua-versao-ao-dc-3947872.html> >. Acesso em: 17 jan. 2013.

SAFERNET. *87% dos jovens afirmam que não possuem restrições para uso da Internet*. São Paulo: 2008. Disponível em < <http://www.safernet.org.br/site/noticias/jovens-sem-limites-internet-revela-pesquisa-in%C3%A9dita-safernet> >. Acesso em; 11 out. 2012.

SANTOS, Laymert Garcia dos. A televisão e a Guerra do Golfo. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz et alii. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

THOMPSON, John. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução

de Wagner de Oliveira Brandão. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada*: filosofia da sensação. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin, Fabio Durão, Francisco Fontanella e Mario Frungillo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

Recebido em outubro de 2013

Aprovado em outubro de 2013

Ana Helena Ribeiro Garcia de Paiva Lopes é mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: aninhargpupes@hotmail.com

Antônio Álvaro Soares Zuin é pós-doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de Leipzig, Alemanha. Professor associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: dazu@ufscar.br
